

RELAÇÕES DÊITICAS NO PLANO DA MEMÓRIA: ALGUMAS INCURSÕES DOS  
SINTAGMAS NOMINAIS DEMONSTRATIVOS

---

CAIO CÉSAR COSTA SANTOS\*

GERALDA DE OLIVEIRA SANTOS LIMA\*\*

---

RESUMO

O presente trabalho reúne contribuições que demonstram como o fenômeno da dêixis de memória pode suscitar no leitor a sensação de que o emprego de pronomes demonstrativos não relaciona tematicamente com a porção anterior que rompe a própria continuidade referencial. À medida que o processamento de uma informação contida em um objeto-referente é focalizado no campo demonstrativo da memória, costuma ocorrer a reativação de macrorrepresentações imediatamente. Verificamos, então, que esse tipo de dêitico, além de condensar, ao mesmo tempo, tanto a situação local instanciada, como a situação projetada, aponta para outras dimensões discursivas no próprio curso da textualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** processamento do texto, dêiticos de memória, situação projetada, memória demonstrativa, macrorrepresentações.

---

1 INTRODUÇÃO

No mesmo campo proprioceptivo, os corpos e as memórias são revelados na continuidade dos episódios. Essa afirmação leva-nos a supor que toda progressão referencial está sujeita a múltiplas formas de monitoramento no mesmo campo de ancoragens dêiticas e fóricas. Assim sendo, neste artigo, supomos que o sujeito consciente, por uma

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe. E-mail: caio-costa@live.com.

\*\* Professora Associada do Departamento de Letras-Vernáculos da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe. E-mail: geraldalima.ufs@gmail.com.

abordagem enunciativa, toma seu corpo como parte da linguagem (corporificação) e do pensamento (representação). Essa atitude suscita a hipótese geral deste trabalho de que o campo dêitico expande para abrigar as coordenadas perceptuais da *memória demonstrativa* (KLEIBER, 2013). Nessa condição, a interpretação da dêixis de memória (doravante DM) só é possível graças à existência de um *eu-aqui-agora*.

Algumas abordagens da Linguística de Texto sobre esse condicionamento dêitico serão discutidas aqui. Porém, precisou-se de evidências empíricas sobre o processo de segmentação textual-discursivo no interior desse olhar extensional do corpo e do pensamento. Para essa finalidade, delineamos como *corpus* para análise e problematização – os episódios ou as memórias episódicas na obra *Luvás Brancas* em Kotre (1997). Essa escolha foi motivada, sobretudo, pela própria natureza desse paradigma textualizante, de caráter eminentemente subjetivo, que condiz com o lado egocêntrico da dêixis. Tentaremos responder o seguinte questionamento: de que forma as marcações e expansões do fenômeno da dêixis de memória são reveladas na dinâmica textual, e com que funções textuais e referenciais? Afirmamos que, muitas características desse modelo textual se definem, não necessariamente, em termos de propriedades verbais do texto, mas em termos sensivelmente contextuais.

Nas análises deste estudo, o caso especial é para os Sintagmas Nominais Demonstrativos (doravante SND) que têm uma realização linguística que proporciona a ampliação do próprio campo dêitico de coordenadas. Essas categorias referenciais estão, *ali*, prontas para ser distendidas e ampliadas a graus diversos, conforme a progressão temática ou referencial. Essa condição de *expansão* é evidenciada como força de dispersão dos próprios elementos dêíticos, em especial, a emergência desses determinantes demonstrativos. Defendemos que as incursões desses demonstrativos atingem um campo oscilável de coordenadas projetadas para o ambiente textual, mas ancoradas em um suposto *campo demonstrativo da memória*, influenciado pelos pontos de vista do locutor. Essa afirmação conduz o percurso de nossa investigação para o fato de que a escolha preferencial pelos índices de demonstração está de acordo com diferentes condicionamentos das

operações dêíticas, inclusive, as de memória que não partilham das mesmas experiências do campo mostrativo situacional. Ao contrário, as de memória ancoram em uma força referencial circunscrita à motivação contextual da qual o campo dêítico apropria.

## 2 NOTAS SOBRE O FENÔMENO DA DÊIXIS DE MEMÓRIA

Os dêíticos de memória funcionam como invocadores de ambientes que se dissipam instantaneamente. Por isso, determinadas estratégias de textualização abarcam a relação íntima de referência e diretividade, transgredindo o campo do *eu-aqui-agora*. Os estudos mais atuais sobre a referenciação no Brasil já estabelecem reflexões acerca dessa fluidez na laboridade e recuperação de referentes. Fenômenos como introdução referencial, recategorização não linear e recategorização do desejo partilham desse objetivo de redefinir as categorias referenciais conforme as particularidades das ocorrências na dinâmica textual-discursiva (BRITO; CAVALCANTE, 2013; LIMA, 2008; RAMOS, 2013).

As incursões que se imbricam nesse estudo são para entender, de que modo, as ocorrências indiciais mais complexas participam de um processo disseminado em um olhar mais abrangente do campo dêítico imediato. “Cenários e campos demonstrativos são desenhados para se projetarem em novas incorporações” (HANKS, 2008, p. 189). Esse estado de amoldamento permite-nos descrever a condição da dêixis de memória porque nem todos os objetos ou entidades referenciais estão presentes na situação descrita. Então, o que fazer com esse DM da porção anterior que se prolonga na organicidade textual em forma de SND? Cavalcante (2004, p. 6) expõe que “a decisão de escolher formas distintas de expressão de referência nunca é ingênua, porque tanto anafóricos como dêíticos são fabulosos meios de veicular pontos de vista do enunciador”. A partir dessa afirmação, é interessante observar que o campo dêítico reatualiza-se logo após a inferência de complexos determinantes demonstrativos, é como se o uso desse objeto de discurso especial estivesse circunscrito por um habitus mental implícito, uma espécie de estratégia cognitiva de orientação consciente para religar o episódio subsequente.

Tendo como base os estudos de Mondada e Dubois (2003, 2005), percebemos por que as expressões referenciais não podem ser descritas como totalmente estáveis, já que esse processo permite a desestabilização momentânea das próprias categorias inscritas tanto no cotexto quanto no contexto. Mais do que cotextuais, são cognitivas, culturais e discursivas. Esse acesso entre domínios e correntes teóricas nos permite descrever os dêiticos de memória como categorias mais ou menos estáveis, cujas remissões não se movem de forma regular ao final de uma linha ou parâmetro referencial. Na literatura sobre a referenciação, segundo Cavalcante (2003), as expressões referenciais podem pertencer a duas classes: os objetos de discurso que possuem como função a continuidade referencial (*correferenciais*) e aqueles desprovidos dessa função no plano literal (*introdutores referenciais, anafóricos, dêiticos* ou *encapsulamentos anafóricos*), porém, na verdade, esses articuladores textuais partilham dessa continuidade, mas de forma não linear. Estudos mais recentes no Brasil, em Custódio Filho e Silva (2013), direcionam para o contato com domínios referenciais imersos nesse problema da *continuidade referencial* como a introdução referencial e a recategorização não linear. Na emergência dos dêiticos de memória, estes dois fenômenos de introdução e recategorização referenciais estão também expressos em pronomes demonstrativos. Queremos dizer que um dêitico de memória em determinado evento pode condensar a função de introdutor referencial, anafórico, encapsulador, etc.

O problema também está em descrever as circunstâncias em que acontecem essas funções eminentemente difusas, na tentativa de responder às dificuldades de retenção da informação de uma porção localmente anterior, mas que já se cristalizou em outros eventos como *imagens-referentes* e decidem retornar também como um possível operador argumentativo. Talvez, essa descrição de uma expressão referencial ser ou não composta por uma denominada continuidade referencial precise ser reformulada para uma extensão situacional que abrigue a potencialidade dessa continuidade, porque a própria recategorização não linear ou a progressão referencial em fotografias ou episódios, por exemplo, também estão emparelhadas nesse dilema (CUSTÓDIO-FILHO; SILVA 2013; CAVALCANTE; LIMA, 2013, RAMOS, 2013).

É interessante ainda atentar para o fato de que, por meio do engajamento cognitivo (as retenções das experiências prévias), o ambiente contextual e as posições ou expansões dos DM emergem no curso de diferentes fluxos temporais, os quais nos possibilitam entender não apenas a relação distal-proximal dos objetos focalizados, mas, em especial, a forma com que e por que essas estratégias são operadas como introdutor referencial, como anafórico ou como dêitico. Identificamos nos exemplos escolhidos para análise que os SND, além de organizar espaços de orientação difusos, condensam posicionamentos argumentativos.

Apothéloz e Chanet (2003) nos alertam para o fato de que definidos e demonstrativos designam não uma enunciação única (entenda-se: *continuidade* no plano referencial), mas uma sequência mais ou menos longa de enunciações. Isso acontece porque o valor não determinativo de uma entidade lexical é reajustado pela presença de SND, às vezes, (re)categorizando-a com o uso do próprio pronome demonstrativo. Essa reflexão nos faz crer na característica de informações-suporte, todavia, na emergência dos DM essa classificação rompe devido ao fato de que, em um instante inesperado, um sintagma nominal é revelado para apresentar um *novo* episódio que, por algum ponto focal, pode ou não se relacionar com a porção anterior. As manifestações desse fenômeno podem ser evidenciadas até pelo uso de demonstrativos neutros como *isso* ou *aquilo*. É interessante observar que não se concebe uma mudança de ponto de vista no campo de coordenadas dêiticas como recurso meramente lexical, mas pelos estados de rompimento tópico de valor textual e discursivo com que *aquela* ou *essa* circunstância opera. Esses determinantes demonstrativos são um dos indícios de que o leitor deve se aprimorar para então refletir sobre a escolha do dêitico de memória naquela instância de discurso. A escolha por um determinante demonstrativo e o efeito das remissões na progressão textual, desencadeiam a expansão do campo dêitico de alguns segmentos textuais implicados no processo.

Identificamos nos exemplos de Gary-Prieur e Noailly (2003, p. 230-231) que os dêiticos de memória podem ser descritos também como *demonstrativos insólitos*, mas, segundo tais autoras, “nada no contexto anterior prepara para o aparecimento de demonstrativos” e continuam: “o recurso à explicação pela dêixis não é mais possível pelo menos se nos

atemos ao que se entende normalmente por isso”. Se se concordasse com a primeira afirmação, duas reflexões mereceriam ênfase: (a) a referenciação se reduziria a anafóricos ou entidades meramente correferenciais. (b) o engajamento de fenômenos como a introdução referencial, as recategorizações não lineares ou os próprios dêiticos memoriais se realçariam, abrangendo o problema da *continuidade referencial*.

Quando um referente é percebido, e algumas informações sobre ele são adquiridas, aquela informação é tipicamente preservada na memória e disponibilizada quando o objeto é reconhecido novamente. Nesse instante, há o contato ou pelo corpo ou pelo pensamento indicial e uma nova informação pode enriquecer o corpo inicial de expressões referenciais. Isso quer dizer que, as porções anteriores podem descrever um estatuto axiológico sobre o uso de SND. Nestas discussões, fica evidente que os dêiticos memoriais partilham de funções tanto anafóricas quanto dêiticas. Logo, apresentar-se-ão como formas híbridas, pois se comportam simultaneamente no processo de referenciação. Em sua tese, Cavalcante (2000) atesta esse comportamento híbrido e defende que essa remissão indicial é motivada pelo espaço extralinguístico ou geográfico (presente imediato), pelo intermédio de inferências (conhecimento partilhado) e pelo contexto (ambiente situacional e demonstrativo).

Essa autora sustenta uma reflexão importante: é possível constatar as remissões e expansões a conteúdos difusos (temporal-espacialmente) dos dêiticos discursivos (como também os de memória) porque os mesmos determinantes demonstrativos que partilham da dinâmica de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), são revestidos pela função substantiva, diferentemente de outros elementos linguísticos circunstanciais que restringem-se à função de advérbios (aqui, lá, agora). Podemos apontar que esses últimos têm um grau de deiticidade ainda menos saliente do que os de função subjetiva. Esse contraste é importante porque a expansão do campo dêítico é favorável à existência relevante da categoria dos demonstrativos que amoldam uniformemente ao ponto de vista do enunciador.

Diante disso, supomos que o objetivo central é expandir esse campo de coordenadas perceptuais (campo dêítico da memória), a fim de abranger o corpo difuso de referentes emergentes. Esse fato revela por que as relações espaço-temporais envolvidas no condicionamento dêítico

revelam a percepção distendida dos *objetos-referentes*. Ao contactar ou perceber indícios de um DM, há o afrouxamento das coordenadas de diretividade, no momento em que o interlocutor acessa a memória demonstrativa (acervo de lembranças-imagens cristalizadas em DD). Para tanto, uma mudança no conceito de campo dêitico é extremamente importante. Cavalcante (2000) propõe para esse ambiente de coordenadas perceptuais (da memória), um *campo mostrativo imaginário*:

- a. o *campo mostrativo situacional* (como o fazem os anafóricos-dêiticos);
- b. o que poderia também representar um tipo de *campo mostrativo imaginário*, já que os referentes situados na memória cultural dos interlocutores não deixam de constituir uma imagem mental;
- c. o próprio *campo mostrativo textual*, mas considerando suas dimensões físicas, a partir da última formulação do falante;
- d. o próprio *campo mostrativo textual*, mas sem considerar o referencial do falante; (CAVALCANTE, 2000, p. 123).

Essa proposta alerta para o fato de que a escolha preferencial por determinantes demonstrativos está em acordo com diferentes condicionamentos das operações dêiticas, inclusive, as de memória que não partilham das mesmas experiências do *campo mostrativo situacional*. É interessante que essa linguística de texto descreve esse *campo mostrativo imaginário*, a fim de enquadrar alguns condicionamentos das coordenadas espaço-temporais de cada dêitico no plano da memória (registro de situações prévias em expressões demonstrativas). Porém, torna-se necessária, ainda, a caracterização desse plano situacional imaginário, a fim de registrar a estratégia de ampliação da referência de conteúdos afins dos pronomes demonstrativos.

### 3 ESTRATÉGIAS DE TEXTUALIZAÇÃO POR DETERMINANTES DEMONSTRATIVOS

Podemos nos questionar quão distante e extensivo um enquadre contextual precisa ser para incorporar cadeias referenciais em instâncias

projetadas na memória e fundadas na expansão de dimensões indiciais. Supomos que os dêiticos de memória apontem para uma base indicial no discurso que origina a homologação e expansão de elementos demonstrativos no sistema linguístico. O problema é descrever qual é a base originária ou germinativa que engatilha a memória demonstrativa para, enfim, caracterizar essa tipicidade de referente, segundo suas potencialidades. A finalidade desse tópico é dar uma explicação de ocorrências de expressões referenciais demonstrativas as quais levam o leitor a experienciar uma projeção temporal passada composta por dêiticos temporais (de memória), que implicam uma referência à situação de discurso estendida (pensamentos indiciais). Vamos ao seguinte exemplo:

1. Posso sentir [aquele] *o cheiro do óleo* que esfreguei nas luvas e vê-las refletir *aqui* dentro *os raios daquela lâmpada de rua* junto à janela (KOTRE, 1997. p. 108).

Normalmente, a escolha pelo determinante definido em *o cheiro de óleo* revela a intenção do enunciador de nomear, sem rotular, a sensação já experienciada e próxima do centro dêitico. Mas, mais uma vez, por que a preferência por um sintagma nominal (SN) definido (*o cheiro de óleo*) numa situação projetada, em vez de um SN demonstrativo ([aquele] *cheiro do óleo*)? Será que podemos considerar essa estratégia textual e discursiva como dêitico de memória? Talvez, a intencionalidade seja mais de ordem passional do que somente referencial (decisão entre o plano de proximidade ou distanciamento afetivo). É interessante observar que a progressão das cadeias referenciais neste enunciado só é possível pelo contato bidimensional com o evento, pelo encontro perceptual do corpo com o pensamento indicial. Provavelmente, o corpo está em contato próximo com o campo dêitico, pelo qual se configurou o mesmo evento há tempos. A inserção do dêitico espacial proximal *aqui* possibilita o reengajamento ou a reordenação dos referentes para o presente imediato, o *eu-aqui-agora*. Os dêiticos da memória apontam para passado-presente-passado, nesta simetria. Por esse fato, o SN *os raios daquela lâmpada de rua* não se estabelece como anáfora (nem direta,

nem indireta), nem como dêitico de memória porque o campo dêitico ao qual o *eu* partilha nesse instante é a imagem-presente. Ou seja, *daquela lâmpada* descreve o cenário físico ou geográfico, nada mais que isso. Outro indício que pode levar a essa ideia é o dêitico espacial *junto à janela*, que se encontra nesse mesmo plano sensorio-motor. Essas descrições da ocorrência (1) levam-nos a crer que nem sempre uma ancoragem demonstrativa de um plano temporal aparentemente distante opera pela via de um dêitico de memória. Vejamos mais um exemplo:

2. *Hoje, vejo na lembrança aquele desejo de estar estabelecido em alguma coisa* (KOTRE, 1997. p. 199).

Em (2), quando está em jogo o ambiente de recordações ou lembranças, o campo dêitico expande pela via de sintagmas nominais demonstrativos, mesmo na presença do dêitico temporal *hoje*. Isso só é possível neste enunciado porque o dêitico de memória produz uma sensação de que o *ethos* do enunciador desperta um índice de ascendência e estabilidade socioeconômica em *aquele desejo de estar estabelecido em alguma coisa*. Neste plano de coordenadas, este outro ponto de focalização está imerso na memória demonstrativa pelo emprego do dêitico de memória *aquele*, porém o problema está em classificar se esse carácter demonstrativo (que não deixa de ser um dêitico de memória) não pode ser um introdutor referencial. O interlocutor desconhece as informações subsequentes dessa continuidade referencial, mas pode pressupor que o redimensionamento desse evento episódico através de *aquele desejo* [...] introduz esse segmento linguístico que pode ser ancorado em outros possíveis. É interessante observar a opção do locutor pelo demonstrativo, porque a carga significativa da experiência recordada produz focos de atenção muito mais salientes e perceptíveis na dinâmica do texto, uma forma de sinalizar algo em comum na memória do interlocutor. Essa estratégia também ocorre no segmento “sabe aquele desejo incontrolável de ter alguma coisa que não dá para esperar até o mês que vem” (CAVALCANTE, 2011, p. 113). Vejamos estes dois exemplos a seguir:

3. Três dias depois, eu vi *aquela lembrança* se alterar diante de meus olhos (KOTRE, 1997, p. 74).
4. Há afeto e nostalgia no tom de sua voz quando diz: ‘É, bons tempos *aqueles*’ (KOTRE, 1997, p. 84).

O modo com que se configura a progressão referencial em (3) desdobra uma enunciação cristalizada no ambiente do presente imediato. Não há indícios na superfície cotextual que descrevam mais nitidamente o SN *aquela lembrança*. Definimos essa expressão referencial como dêitico de memória por partilhar de um universo coemergente de orientação, na medida em que todas as coordenadas perceptuais desenvolvem mediante o pensamento indicial – daquela lembrança – o eixo interseccional que aponta tanto anafórica quanto cataforicamente. No entanto, o problema está em saber se podemos classificar essa operação dêitica, como também anafórica, porque a ancoragem existente entre porções prévias, não é evidente na dinâmica textual. Se o leitor tomar esse SN como um processo que aponta para frente, de que forma essa expressão funciona como introdutor referencial?

Em (4), o determinante demonstrativo é evidenciado como caso especial de referente por ocupar toda uma dimensão prévia discursiva (*É, bons tempos aqueles*). Por meio unicamente dessa categoria, aparentemente vazia, do demonstrativo *aqueles*, o enunciador consegue resgatar e, ao mesmo tempo, condensar toda uma situação projetada pela memória demonstrativa. Mas, o problema é definir esse fenômeno como dêitico de memória, apenas por entender que esse processo além de convergir dois planos (temporal e espacial), o enunciador toma-o como único foco de atenção para recordar aquele(s) evento(s) experienciado(s). Mas, para que direção aponta *aqueles*? O demonstrativo *aqueles* é um item anafórico ou, até mesmo, uma anáfora encapsuladora, isso depende fundamentalmente das progressões referenciais em curso. É interessante observar que, neste caso, especificamente, não há indícios do efeito de propensão do pronome de demonstração (*aqueles*), ou seja, de funcionar como introdutor referencial. A própria organicidade temática da tessitura textual faz com que essa expressão referencial não necessariamente engatilhe, mas condense uma memória episódica de um evento nostálgico.

Percebemos como o fenômeno da dêixis, nessas situações que denominamos projetadas, delimita um modo de atualização provisório das coordenadas perceptuais, uma espécie de ancoragem intermediária, do universo referencial particular do enunciador. Há, porém, um espaço de limites entre o engajamento dos interlocutores. As mudanças de pontos de vista e focos de atenção alteram-se conforme o papel do locutor na trama discursiva. O enunciador está bem mais próximo desse universo referencial coemergente, enquanto o interlocutor a todo instante pressupõe as estratégias de escolha por uma determinada expressão referencial à luz dos conhecimentos e dos indícios da memória demonstrativa. Até agora, fica evidente que é indispensável perceber para que lugar apontam os demonstrativos, ora para o próprio campo/eixo de coordenadas, ora para um campo de imagens mentais. O argumento de Kleiber (2013) abaixo especifica essa característica:

Percebe-se imediatamente, entretanto, que tal definição, por mais satisfatória que pareça, é complicada por expressões como os demonstrativos e pelos empregos situacionais de *ele*. Se desejamos integrar essas expressões à classe dos dêiticos, para marcar sua identidade semântico-referencial com as outras expressões dêiticas, é necessário estender a definição da dêixis proposta às entidades que são apresentadas na situação de enunciação. Ou seja, não é mais somente o momento da enunciação, o lugar da enunciação e os participantes [locutor e interlocutor] da enunciação que formam o esquema dêitico, mas também *os objetos que fazem parte da situação de enunciação* (KLEIBER, 2013, p.271, grifo nosso).

O autor nos alerta para o fato de que se essas expressões dêiticas fossem só empregadas para fazer referência a um referente da situação de enunciação [linguístico ou extralinguístico], a distinção não se justificaria, porque a recuperação referencial seria total e única. Mas, observa-se que elas podem ser utilizadas para fazer referência a entidades fora do lugar situacional e do lugar linguístico imediato. Os dêiticos de memória partilham desta característica porque são revelados a partir de pensamentos indiciais (ou imagens-referentes) e estão contidos nas *abordagens B*. Segundo Kleiber (2013, p. 285), “como estamos ainda presos pela filosofia das *abordagens A*, este ‘alguma coisa a fazer’ pode ser interpretado deste modo: uma expressão dêitica

é uma expressão cujo sentido implica necessariamente que o referente esteja presente na situação de enunciação”. A esse nível, as incursões referenciais do locutor referem-se a um objeto que não está presente na situação de enunciação com a ajuda de outro objeto, que está presente. A caracterização por essa *ostensão diferenciada* pode se referir ao objeto que não está diretamente acessível (ou melhor, saliente) no corpo de coordenadas apresentadas ao interlocutor. Segundo Kleiber (2013, p. 286), é uma espécie de ostensão para uma expressão referencial intermediária. Esse autor classifica esse procedimento dêitico como demonstração indireta. É o que acontece com o enunciado exposto pelo autor:

5. *Essa mulher, ela vai te levar tudo!* (KLEIBER, 2013, p. 286).

À primeira vista, o sintagma nominal em destaque apresenta-se como um caso comum de anáfora direta acessível na instância do presente imediato. Todavia, segundo Kleiber (2013), esse tratamento com as expressões referenciais precisa ser expandido, levando em consideração a seguinte pressuposição: “um familiar poderá, assim, dirigir-se a um homem, cuja mulher acaba de partir, levando as crianças, os móveis, o carro etc., dizendo-lhe sem que eles tenham falado antes da mulher em questão e, evidentemente, fora de sua presença na situação de enunciação” (p. 286). Nesta ocorrência, para Fraser e Joly *apud* Cavalcante (2011), poderíamos falar de um *movimento exofórico*, para mencionar os dêiticos de memória. As lacunas que surge até aqui têm um ponto em comum: não devemos caracterizar determinados *objetos-referentes* somente pelo critério de localização espacial. Na verdade, para estes casos especiais de referentes, os interlocutores não devem considerar *ipso facto* o lugar onde EU falo, mas o lugar onde eu FALO. Ou seja, as coordenadas de relações-temporais dos demonstrativos revelam não apenas o ponto axial do *eu*, mas, além disso, uma temporalidade estendida. Kleiber (2013) ainda define esses casos como dêiticos opacos devido à emergência desses elementos linguísticos através de um funcionamento referencial ambíguo (referência anafórica e exofórica). Porém, devemos perceber que essa característica não é a mais importante sobre a redefinição do campo dêitico. Conforme

formula este linguista, *essa mulher* refere-se a dois cenários, ou seja, funcionam como *suplementos localizantes*: a mulher de que *eu falo* e a mulher de que *eu penso*.

Para atestar este caso como uma ocorrência especial de referência (dêiticos de memória), uma análise causal (perceptual ou experiencial) e uma análise em termos de relações espaço-temporais tornam-se fundamentais. No primeiro plano, o interlocutor percebe o referente *essa mulher* no exato momento em que a ocorrência do dêitico é evidenciada. Essa situação assemelha-se à experiência direta do locutor com esse mesmo objeto de discurso (a definição por um condicionamento anafórico). Entretanto, no plano da memória, essa perspectiva necessita ser expandida para um pensamento indicial-demonstrativo o qual implica em representações mentais de uma explicação causal. Sendo assim, essas lacunas sobre o trabalho interpretativo dos referentes devem ser priorizadas. Nestas ocorrências, como em (5), é preciso focalizar o *objeto-referente* que o locutor percebe no sentido de que ele pensa de um modo indicial no instante da ocorrência. Essa característica reflete todo o domínio referencial da dêixis:

Não somente a referência a objetos perceptíveis, no sentido de que eles são concretos e presentes no campo de percepção do locutor, como também a fixação dêitica de referentes abstratos ou de referentes concretos “fora da percepção imediata”. Assim fortalecida, a explicação causal volta, definitivamente, a afirmar que o referente de um dêitico é o referente que o locutor tem em mente [ou “percebe”] no momento em que ele pronuncia a ocorrência desse dêitico (KLEIBER, 2013, p. 299).

Segundo o autor, a definição do campo dêitico como *campo perceptual* abrange as relações espaço-temporais do fenômeno de simultaneidade dêitica; entre a enunciação da ocorrência e o estado emocional do locutor. Um ponto problemático é a identificação do referente no plano da memória pelo interlocutor, já que este submete-se também a incorporar a memória demonstrativa do locutor. Mas, como, se eles não compartilham o mesmo ambiente espaço-temporal de coordenadas? Então, aonde se encontra o referente pressuposto pelo locutor? É preciso, então, apresentar a referência ao objeto como se estivesse do lado do

enunciador. A relação de simultaneidade é decisiva para a mudança de perspectiva ou de diretividade dos dêiticos de memória, a referência ao segundo plano da enunciação. Ou seja, o referente de uma ocorrência com expressão dêitica é o referente que o locutor percebe pela condição de contato físico *a priori*, porém, ao mesmo tempo, implica que, este mesmo contato perceptual, já esteja contextualizado: entre a ocorrência e a percepção percebida pelo leitor.

Tanto Cavalcante (2000), como Kleiber (2013) questionam sobre essa característica: as relações intermediadas entre os dêiticos e os campos de coordenadas projetados: *o campo mostrativo diferenciado* e *o campo mostrativo imaginário*. No interior destas duas concepções, a emergência do índice de deiticidade é problematizado conforme a *ostensão diferenciada* do interlocutor (KLEIBER, 2013). Parece-nos plausível que a definição deste campo de coordenadas, no próprio *eu-aqui-agora*, tendo em vista a ancoragem referencial do locutor e a relação causal indireta (ou diferenciada) implicada, dê conta do caráter irredutível dos dêiticos. Essa descrição de concomitância entre a ocorrência dêitica e a memória demonstrativa torna-se imensamente relevante. Os linguistas de texto possivelmente definiriam essa emergência dos demonstrativos como recurso para sinalizar o pensamento indicial, a fim de especificar que são os pensamentos do locutor que se encontram, ali, recordados, mas sempre em interação com os interlocutores, fazendo com que projetem novas remissões e contornos espaço-temporais (o que denominamos “âncoras”). Vejamos, agora, uma das estrofes do verso de Gonzaguinha (2003), intitulado *Pequena memória para um tempo sem memória*:

6. [Aquela] Memória de um tempo onde lutar  
Por seu direito  
É um defeito que mata  
São tantas lutas inglórias  
São histórias que a história  
Qualquer dia contará  
De obscuros personagens  
As passagens, as coragens  
São sementes espalhadas *nesse chão*.

Em (6), o sintagma nominal *nesse chão* é apresentado ao interlocutor como um tipo de anáfora indireta metafórica, a qual permanece saliente na presente instância de discurso. Todavia, segundo Kleiber (2013), estamos diante de um caso especial de *demonstração indireta*, na qual a ostensão do determinante demonstrativo alcança a situação projetada. Porém, é curioso observar que nenhum indício na superfície textual leva a isso até o aspecto verbal da enunciação evidenciar traços do presente imediato e não de um passado rememorado. Muito embora, os indícios do tempo verbal sejam um dos principais fatores que estão deitadamente ancorados na situação de enunciação. Em *nesse chão*, é possível ainda classificar essa tipicidade de referente como encapsulamento anafórico, devido à condensação de eventos cristalizados em outro campo referencial (*as passagens, as coragens*). A apresentação desses sintagmas nominais esboça uma ancoragem de cenários por meio de determinantes definidos (outros indícios de uma situação fantasmagoricamente imediata).

Mas, quanto aos dêiticos de memória nesta estrofe (6)? Supomos que essa expressão dêitica contempla o plano da memória porque o índice de ostensão ou deiticidade do referente *nesse chão funciona* como memória demonstrativa, uma espécie de objeto intermediário ou simultâneo no próprio *aqui-agora*. A percepção do locutor diante o cenário deste *chão*, já foi experienciada em outras *histórias*. Seria possível a inserção de um determinante demonstrativo em [aquela] *memória de um tempo onde lutar [...]*, a fim de alertar o leitor para o fato da existência de uma memória episódica, já cristalizada em meio social. Vejamos que as remissões demonstrativas este-esse-aquele é condição *sine qua non* no processo de interpretação neste campo de coordenadas ampliado. Até aqui, a nossa hipótese geral fica evidente: o referente de uma ocorrência projetada é focalizado por meio do ambiente espaço-temporal dessa mesma ocorrência, sendo assim, o próprio *eu-aqui-agora* condensa a progressão referencial do corpo e do pensamento. A fim de dar conta desta projeção referencial no plano de pensamentos indiciais de uma situação *diferenciada*, Kleiber (2013) estabelece algumas características para esse tipo de ancoragem referencial: entre a ocorrência imediata, o referente ausente e aquelas ocorrências, cuja retenção de expressões referenciais conecta-se indiretamente:

- a. como unidade discursiva, ela entra em relação temporal com as unidades discursivas que a precedem e a seguem imediatamente; ela possui a esse respeito um ambiente espaço-temporal textual;
- b. como acontecimento singular, ela mantém relações espaço-temporais com a situação extralinguística e apresenta, assim, um ambiente espaço-temporal situacional (KLEIBER, 2013, p.303).

Esse carácter apresentado pelo autor não dá conta do campo mostrativo diferenciado dos dêiticos de memória. A visada de um dado referente se dá na relação entre os campos dêiticos *imediatos* e *diferenciados*. O uso de elementos anafóricos junto aos mecanismos dêiticos (de memória) compõe outro problema para definir essa tipicidade de referente que, ora introduz uma dimensão imediata, ora superpõe uma situação projetada no mesmo limiar referencial. O problema dessa classificação foi o de definir esse campo de coemergência meramente como situacional, condição que não enquadra as direções potentes e discursivas deste fenómeno referencial. A questão não é apenas associar e dissociar um a outro item referencial ao perceber suas funções híbridas, mas, sim, de redefinir um campo de coordenadas perceptuais conforme às múltiplas ocorrências. Os indícios do contexto linguístico não são determinantes devido à contiguidade temporal que é muito ilusória. Porém, a seguinte descrição dessas relações espaço-temporais é muito relevante sobre a emergência da dêixis memorial:

A imagem do dedo apontado se revela, por outro lado, enganosa, quando a aplicamos às situações de relações espaço-temporais indiretas. Isso porque, nesse caso, a ocorrência se encontra em relação espaço-temporal direta não com o próprio referente, *mas com elementos intermediários* [do ambiente textual ou do ambiente extralinguístico] que conduzem à identificação do referente (VUILLAUME *apud* KLEIBER, 2013, p. 304, grifo nosso).

Os índices de deiticidade da memória demonstrativa podem configurar como mais salientes a partir de um gesto de ostensão de outra expressão ou cadeia referencial a qual se encontra como intermediária na

dinâmica textual-discursiva, como acontece em (6). Trata-se, portanto, de uma relação de contiguidade (de maior ou menor grau de proximidade afetiva) em que o referente é identificado pelo interlocutor a partir desta instância intermediária, embora ligada diretamente à ocorrência do presente imediato. Mesmo que, em certas ocorrências, não se percebam o mecanismo de correferência, é necessário que haja algum tipo de relação entre o ambiente textual-discursivo e o ambiente imaginário, uma vez que os mecanismos referenciais de ostensão diferenciada só são salientes por intermédio da percepção imediata do locutor. Já que consideramos o plano da memória para o eixo de coordenadas, os estudos sobre a dêixis precisam incorporar um nivelamento do índice de deiticidade entre o objeto percebido e a instância diferenciada.

À luz das análises deste estudo, ficou evidente que o emprego de determinantes demonstrativos, numa dimensão referencial, não aponta unicamente para os objetos no espaço que estão em relativa proximidade, mas que há uma potência afetiva no uso desta tipicidade de referente especial. Assim, a memória cultural dos interactantes não segue apenas uma continuidade espaço-temporal, nem as coordenadas perceptuais de orientação e monitoramento dêitico não atuam no limite da instância local. A questão em ênfase é o interstício de acesso entre a situação local e a situação projetada.

A indicialidade de um elemento dêitico está na fina camada do discurso e tem a característica de mover as cadeias referenciais. Ou seja, levando em consideração os dêiticos de memória (pensamentos indiciais), a escolha por *este* na dinâmica textual não significa dizer, necessariamente, que o referente se encontra numa área pragmaticamente dada, próxima do enunciador no tempo de codificação (ou linguístico). Assim como, o uso de *aquela* não significa dizer que o referente está além da área pragmaticamente dada, em posição distante do campo dêitico. Estes argumentos vão de encontro às formulações desdobradas por Levinson (2007, p. 99).

Entre os eixos de distância e proximidade, há o estado afetivo do discurso que constrói efeitos tensivos no curso da enunciação. Os focos de atenção designam os efeitos de direção e de tensão, originados do campo dêitico. A paixão (dimensão passional do discurso), por exemplo, descreve uma lógica tensiva, aquela da presença e das tensões que

impõem ao corpo sensível. Em *Semiótica do Discurso*, como também em *Semiótica das Paixões*, essas impressões definem o corpo próprio da enunciação (FONTANILLE, 2012; GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Essas relações semióticas podem revelar como a temporalidade e a narrativa têm relação com o monitoramento dêitico no plano da memória. É possível que também a progressão dos referentes esteja circunscrita a um jogo de paixões que contaminam o interlocutor. Este espaço entre tomadas de posição concentra a visada e a apreensão dos objetos-referentes.

Caracterizar as ocorrências dos dêiticos de memória como conexões imediatas e diferenciadas não dá conta da descrição complexa deste fenômeno referencial. Contudo, o argumento de que outra expressão ou cadeia referencial na dinâmica textual revela traços de porções prévias dos dêiticos de memória é coerente quando o acesso à memória cultural do enunciador é limitado. Vejam como os dêiticos de memória estão contidos na própria natureza dêitica. Se Marcuschi (2001, p. 223) propôs em *o barco textual e suas âncoras* um *universo referencial emergente* para as anáforas indiretas, esse universo referencial denominado de emergente não é típico dos dêiticos de memória? Nestes dêiticos demonstrativos, o princípio que norteia todo o processo de composição, retenção e expansão dessas tipicidades de referentes é o trabalho interpretativo dos coenunciadores.

Outro ponto é que o enunciador, ao se prevalecter de dêiticos de memória como *aqueles tempos* ou *aquela passagem*, tem a pretensão de particularizar uma situação de outrora, no entanto, essa velha informação configurada como nova para o interlocutor não tem a mesma intenção que a descrição do evento imediato. Queremos dizer que o emprego de determinantes demonstrativos é a condição inicial de qualquer locutor ao redimensionar instâncias experienciadas. O leitor é quem precisa enquadrar neste delineamento muito particular do procedimento dêitico, até porque nem sempre a opção será por um circunstancial distal – *aquela* – como há casos nas análises em que o demonstrativo pode operar facilmente como DM. Esta expansão dos planos de orientação espaço-temporal pode estar sujeita a equívocos porque a experiência imediata da situação local não é a mesma forma *sui generis* da situação projetada. Esse desacordo entre ambientes

textual-discursivos é comum devido ao campo perceptual e afetivo não serem o mesmo.

Diante das ocorrências apresentadas até aqui, é imprescindível outra caracterização do campo dêitico de coordenadas, a fim de integrar o plano da memória. Vale ressaltar que as operações dêiticas reveladas aqui são tratadas como índices de subjetividade, porque os parâmetros de demonstração de *objetos-referentes* atingem a memória cultural ou pessoal do leitor. As incursões, então, atingem um campo oscilável de coordenadas entre uma projeção para o ambiente textual e suas remissões não apenas na organicidade textual, mas ancoradas em um suposto campo demonstrativo da memória, interpelado pelos pontos de vista do locutor. Segundo Cavalcante (2000), uma motivação contextual opera neste campo entrecortado porque os próprios fenômenos de introdução referencial ou as recategorizações (e seus desdobramentos) podem atingir esse campo da memória, logo, as intenções dos interactantes estão também distantes das coordenadas do ambiente *on-line*, imediato, cujo curso referencial é designado de um ambiente imaginário: *aquela passagem* ou *aquela sensação*.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do contato com as ocorrências apresentadas aqui, verificamos como algumas estratégias de textualização direcionam nossa atenção para o problema das âncoras no terreno da memória demonstrativa. Esse fato condiciona o argumento de que a dêixis e as porções prévias combinam-se para determinar o *objeto-referente* ausente na dinâmica textual, processo o qual é caracterizado também como exofórico. As ocorrências dos dêiticos de memória estão circunscritas a esse processo cujos referentes não estão fisicamente presentes. Por isso, preferimos o termo *perceptual* para o campo de coordenadas com demonstrativos do que meramente *físico*, uma vez que os referentes estão presentes e são perceptíveis. Neste sentido, um *ambiente* pode evocar mais de um ponto de ancoragem sobre as coordenadas dêiticas. A ideia é que essas próprias expressões referenciais apontam para o lugar de origem cujo acesso sensorial do condicionamento dêitico também atinge a memória demonstrativa. O questionamento a ser

distendido é muito maior do que imaginamos, pois as ancoragens dos referentes memoriais apontam extensivamente muito mais para o terreno da memória demonstrativa do que, meramente, para um cenário situacional.

O índice de deiticidade de qualquer expressão dêitica demonstrativa pode desencadear *relações* espaço-temporais no plano da memória: uma espécie de desvio de ponto de vista. A escolha por um referente que expressa definitude em um cenário de demonstração ou, a escolha por um referente que indica proximidade na situação projetada, prolonga as discussões e proposições apresentadas aqui. O campo de coordenadas dêiticas, animado pela visada e pela apreensão, por meio de fluxos intensivos e/ou extensivos, pode ser reconfigurado em uma série de modos de existência, propriedade que origina as relações espaço-temporais graduadas por efeitos passionais. É a tensão em cada ato de enunciação que sugere estas lacunas de interpretação: ora situacional, ora imaginário.

Este estudo contribuiu para demonstrar como os pronomes demonstrativos interagem na dinâmica do texto e quais são suas relações com os campos perceptivos e demonstrativos. O processo de demonstração tem acesso à referência aos dados imediatos da fala, mas também à emergência de objetos de discurso que, uma vez interligados, complementam os sentidos do texto. O que está em jogo não é só o pensamento original do locutor, como também outra parte desse pensamento percebido pelo interlocutor – *o jogo das paixões*. A própria estrutura da língua e sua dinâmica de relações, propôs esta linha de abrangência sobre os atos remissivos dos demonstrativos.

#### DEICTICS RELATIONS IN MEMORY FIELD:

#### SOME INCURSIONS DEMONSTRATIVES NOMINAL PHRASES

#### ABSTRACT

This paper gathers contributions which seek to demonstrate that the phenomenon of memory deixis can arouse in the reader a sensation that the use of demonstrative pronouns is not related thematically to the previous portion that breaks its own referential continuity. As the processing of information in a referent object is focused on the memory demonstrative field, it often occurs

an immediate reactivation of macrorepresentations. Thus, we have verified that this deictic type, in addition to condensing both the existing local situation and the projected situation at the same time, it points to other discursive dimensions in the course of textuality itself.

KEYWORDS: Text processing, memory deixis, projected situation, demonstrative memory, macrorepresentations.

---

## LAS RELACIONES DÉICTICAS EN EL CAMPO DEL MEMORIA:

### ALGUNAS INCURSIONES DE LOS ELEMENTALES NOMINALES DEMOSTRATIVOS

#### RESUMEN

Lo presente trabajo agrega contribuciones que demuestran como lo fenómeno de la deixis de memoria puede plantear en el lector la sensación de que lo empleo de pronombres demostrativos no relacionarse temáticamente con la porción previa que agride la propia continuidad referencial. Al paso que lo procesamiento de el información contenida en una cosa-idea es centrado en el campo demostrativo del memoria, producirse una reactivación de macrorepresentaciones inmediatamente. Hemos comprobado, entonces, que ese tipo de déictico, además de agregar, al mismo tiempo, tanto la situación local contextual, como la situación diseñada, apunta para otras dimensiones sociales en el propio cuerpo de la textualidad.

PALABRAS CLAVE: procesamiento de el texto, déicticos de memoria, situación diseñada, memoria demostrativa, macrorepresentaciones.

---

#### REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

\_\_\_\_\_; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.131-176.

- BRITO, M. A. P; CAVALCANTE, M. M. A psicanálise, a referenciação e a influência saussuriana In *Referenciação: teoria e prática.* (Org.) CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. São Paulo: Cortez, 2013, p.105-132.
- CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*, 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- \_\_\_\_\_. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas v.44, 105-118, jan/jun, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: UFC, 2011.
- \_\_\_\_\_; LIMA, S. M. C. de. *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.
- CUSTÓDIO-FILHO, V.; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. In *Referenciação: teoria e prática* CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. São Paulo: Cortez, 2013. 256p. p. 59-85.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2012.
- GARY-PRIEUR, M-N; NOAILLY, M. Demonstrativos insólitos. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 229-249.
- GREIMAS, A.J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. et al.* Tradução de Anna Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.
- KLEIBER, G. Deictiques, Embrayeurs, ‘Token-Reflexives’, Symboles Indexicaux etc.: Comment les définir? Tradução de Mayalu Felix. *Revista Intersecções*, ano 6, n. 3, nov, p. 237-310, 2013.
- KOTRE, J. *Luvas brancas: como criamos a nós mesmos através da memória*. Tradução de Flávia Villas-Boas. São Paulo: Mandarim, 1997.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LIMA, G. O. S. *O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da*

memória discursiva sobre Lampião, Campinas, 2007, 304 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*. Curitiba n. 56. p. 217-258, jul./dez. 2001.

MONDADA L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-49.

RAMOS, P. Além da imagem: estratégias de construção e objetos de discurso no gênero fotografia. In: *Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*, 7., 2013, Fortaleza. Atas... Universidade Estadual do Ceará/Universidade Federal do Ceará, 2013. p. 213.

---

Submetido em 29 de junho de 2014

Aceito em 4 de dezembro de 2014

Publicado em 21 de dezembro de 2015

---

